

DEUSES ANTIGOS, DEMÔNIOS ATUAIS

Ronaldo Salles Senna
 Prof. Titular do Dep. de Ciências
 Humanas e Filosofia. Prof. Adjunto
 do Dep. de Antropologia e Etnologia
 da UFBA. Mestre em Ciências Sociais
 pela UFBA. Doutor em Antropologia
 pela USP.

RESUMO – *O Homem é um animal construtor. Construtor da vida. Construtor da morte. Como a vida se faz por etapas, por etapas se fará também a sua história. É o passado reinventado na tentativa incessante da eterna busca das origens. Esta reorientação coloca o presente no reino da luz e o passado no mundo das trevas. Os Deuses do passado são os demônios do presente. Assim tem-se dado o resgate das culturas a nível de patrimônio simbólico.*

ABSTRACT – *Man is a constructor animal. Constructor of life. Constructor of death. As life is made itself by stages, the history will be also made by stages. It is the reinvented past trying continuously the eternal search of the origin. This new orientation places the present time on the domain of light and the past on the world of darkness. The past Gods are the present Devils. Therefore the cultural redemption has happened at symbolic level.*

“Eu sou eu e minhas circunstâncias”. “O homem não tem natureza e sim história”. “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”.

Os dois primeiros pensamentos são de Ortega, o terceiro veio de Marx.

Basta uma simples e atenta observação, para que a identificação entre eles se torne patente e, por este motivo, a partir deles, vamos refletir sobre o nosso tema.

Se as circunstâncias que envolvem um homem – ser histórico – são, por esta mesma história, construídas e – por esta construção – a sua consciência é trabalhada, este homem tem consciência, portanto, que o ato de entender a sua vida tende sempre a ser o seu passado reorientado. Inclui-se, por esta causa, o seu próprio projeto vital. Ele nada mais é que uma das formas da sua consciência sendo determinada pela compreensão do mundo que recebe como herança das suas circunstâncias éticas, econômicas e sócio-culturais.

Justamente a partir dessas circunstâncias, o seu mundo se constrói. O seu Cosmos. Sua consciência e determinação. Cosmologia e Cosmogonia.

Os conceitos de cosmologia e cosmogonia têm campos semânticos de tamanho desigual, tendendo o primeiro desses termos a englobar o segundo. Com efeito, o antropólogo pode definir a cosmologia como um conjunto de crenças e de conhecimentos, como um saber compósito, que abrange o universo natural e humano; a cosmogonia (parte de cosmologia centrada na

criação do mundo), por seu lado, expõe, sob a forma de mitos, as origens do cosmos e o processo de constituição da sociedade. Assim, a cosmologia – pela qual nos interessamos de maneira prioritária – apresenta-se como uma exigência de síntese, como a pesquisa duma visão totalizante do mundo; além duma função redutora, uma vez que isola e dá importância a certos elementos considerados como constitutivos do universo, tem também uma função explicativa, pois ordena e põe em relação o meio natural e os traços culturais do grupo que a produziu.¹

Sendo finito e limitado, não pode – o homem – construir, para si, uma eternidade por inteiro. Pode, isto sim, perenizar-se, desde quando o seu projeto vital lança-o para a frente, para o futuro, cuja finitude pode ser anulada.

A visão do homem se faz para a frente e, por isso, tempo e espaço à sua frente não acabam.

No entanto, o mesmo não se dá com o passado. Ao contrário do futuro, onde o ser final pode ser infinitamente projetado, seu passado necessita ter um marco, um início.

A cosmogonia pode ser algo que não acabe, mas não pode ser algo que não comece.

E esse começo, a incessante e incansável busca das origens é, em todas as culturas, o mito como narrativa desta gênese.

Para muitos o mito é uma lenda de um povo primitivo com história fantástica; uma fábula com narração alegórica, em que os animais são, também, personagens; uma ficção onde reina a simulação. Para Platão, o mito é uma verossimilhança frente à verdade. Max Muller, J. G. Frazer, Levy Bruhl, Van der Leeuw, Maurice Leenhardt, preocuparam-se com o mito e cada um o via consoante sua escola. O filósofo romântico Schelling via o mito como uma religião natural, como a auto-revelação do Absoluto. Destarte, para os que assim pensam, o mito é uma manifestação de Deus. Georges Gusdorf (Mythe et Métaphysique) estudou a consciência mítica, como estrutura do ser no mundo, como liturgia de repetição, com implicações ontológicas de repetição. Claude Lévi-Strauss (Antropologia Estrutural) faz a seguinte pergunta: ‘Como compreender que, de um canto a outro da Terra, os mitos se pareçam tanto?’ Lendo Antropologia Filosófica (Ernest Cassirer) encontramos expressões tais: ‘O mito parece ser, à primeira vista um mero caos... em seu verdadeiro sentido e essência, não é teórico. Afronta e desafia nossas categorias fundamentais de pensamento’. Malinowski acha que devemos procurar o centro objeti-

*vo do mundo mítico. Mircea Eliade diz que o mito nasce do desejo inflexível humano de transcender o temporal e o histórico. Da mesma faculdade, diz Levi-Strauss, de que se origina a ciência origina-se o mito.*²

E origina-se para explicar o mundo, dando a este um sentido frente ao absurdo da morte. E a morte só deixa de ser absurda quando prolongamos a vida além de um final “físico”, quando a vida nega a morte, ou seja, temos de matar a morte para viver a vida.

Esse ato de desnaturalização da morte e idealização da vida é, tudo indica, genialmente construído pelas culturas, de forma sistemática e dialética.

Esta “construção social de realidade”³ dá um sentido concreto à vida, à medida que “coloca alguma ordem no caos”⁴.

Não é possível viver o mundo sem uma visão de mundo. Tem que fazer sentido. Para isso, é necessário ordenar o que nos cerca, o pensar e o agir sobre isso.

*O homem pode conviver com o erro ou com a dúvida, mas não pode conviver por muito tempo com o caos. A falta total de ordem é de certa maneira incompatível com as necessidades das pessoas de classificarem as coisas e se situarem dentro do mundo. O mundo não é um todo desordenado e caótico.*⁵

As sociedades não têm feito muita coisa além disso, a nível ideológico, nem parece que necessitam fazê-lo.

Satisfazem-se explicando o presente pelo passado, não tendo realmente muita importância, para um real sentido da vida, se esse passado é realmente real ou imaginário. É real para aqueles que dele necessitam no ato de se colocarem como um referencial na ordem da vida.

O passado, no entanto, de certa forma, morreu. O presente tem que ser vivido, não obstante, pelos elementos do passado que cruzaram com os umbrais da morte. O tempo e o espaço precisam ser reinventados. O presente é o passado recriado.

Quando o homem cria Deus a sua imagem e semelhança, cria o mundo dos deuses à imagem e semelhança do seu mundo. Do seu mundo não apenas real, mas, também, subjetivo e introjetado.

Torna-se compreensível, portanto, que procure completar-se com o mundo mítico; que supra a sua carência com o “outro mundo”, o sobrenatural, o transcendente, o metafísico; que vá buscar, no passado, os reflexos da sua angústia.

O passado se torna um espelho, onde o presente vê refletida a sua imagem invertida. No presente, como recriação do passado, a afirmação e a negação se invertem. O que era negado passa a ser afirmado e vice-versa. A própria construção de sociedades cada vez mais abrangentes, alicerçadas nos resultados contínuos das lutas dos contrários, identificados ou não como classes, assim fatalmente determinou.

O mundo de hoje nega o de ontem, para poder acreditar em si mesmo como algo real, assim como, nos mais diversos tipos de crise, vemos pessoas e grupos se

lançando ao passado, para reinventar o presente que não lhe satisfaz.

Dentro desse contexto, os elementos positivos e negativos se invertem. Os deuses se tornam demônios, os demônios se tornam deuses.

O fato etnológico estabelecido de que os deuses da religião anterior se tornam os diabos da nova religião demonstra que aqueles que estão por baixo são os eternos descontentes que procuram atrapalhar, desfazer e derrubar os que estão por cima: os novos deuses. Os reformadores de religião de todos os tempos transformam os deuses anteriores em demônios.⁶

Assim como os homens morrem e, ao passar pela morte, se transformam em algo ou alguém diferente do que era – para os seus contemporâneos ou para aqueles que ainda viriam –, também os seus deuses tendem a seguir a mesma trilha, na redefinição dos sentidos que as culturas subseqüentes costumam imprimir aos fenômenos que surgiram para satisfazer necessidades passadas: A chave dessa contradição aparente nos é dada por Nietzsche, que escreve em ZARATUSTRA: *Os deuses quando morrem, morrem de mortes diversas. Os deuses dos povos vizinhos de Israel tornaram-se demônios aos olhos de Moisés e dos profetas. Da mesma forma os deuses da Grécia e de Roma tornaram-se demônios para os primeiros cristãos. Todo deus vencido por um novo deus desce ao nível de divindade maléfica, infernal, enquanto seus adoradores obstinados se refugiam em cultos secretos, freqüentemente perseguidos, sempre caluniados.⁷*

Os deuses de um povo do passado se transformam em demônios, não apenas se esse passado estiver de fato presente nas raízes históricas de um dado processo de construção étnica, mas se uma etnia dominadora vê os deuses dos dominados como “primitivos”. Afinal de contas, os “primitivos” são os nossos “bárbaros”.

Ver o diferente como “primitivo”, isto é, como portador de elementos e quadros culturais que fariam parte do nosso passado remoto, concede ao dominador transformar deuses em demônios, seguindo os mesmos parâmetros de construção do pensamento que vem sendo analisado neste artigo.

Foi o que houve, por exemplo, com Exu, uma divindade africana vista pela religião dominante “branca” (católica romana) como sendo o demônio. É que o africano era o “primitivo” e o “bárbaro” da etnia brasileira que se formava.

Mas, na luta dos contrários, sempre existe uma resposta do dominado que sobrevive em uma sociedade futura. Dessa forma, através dos trabalhos de Exu, um demônio das classes dominantes reencontra o seu sentido original: estamos nos referindo ao processo de remissão de Lúcifer, fenômeno atualmente em voga na Umbanda do sul do país, notadamente a Paulista e a do sul de Minas.

Mas, isso é outra história ou, talvez, a continuação desta.

NOTAS

1. Suzanne LALLEMAND. *Cosmologia, Cosmogonia*, p. 27.
2. Edson Nunes da SILVA. *Estrutura do Pensamento Afro-Brasileiro*, p.1.
3. Estamos usando a expressão no sentido que lhe empresta Berger.
4. Embora esta expressão seja de uso corrente na Antropologia Atual, nós a retiramos do autor da nota seguinte.
5. José Guilherme MAGNANI. *Curas e Milagres*, p.130.
6. Flávio de CARVALHO. *A Origem Animal de Deus*, p.19.
7. Pierre MARIEL. *Quando um Deus se Torna Diabo*, p.22.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter. *A construção social da realidade*. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1976.
- CARVALHO, Flávio. *A origem animal de Deus*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.
- LALLEMAND, Suzanne. *Cosmologia, cosmogonia*. In: AUGÉ, Marc. *A construção do mundo*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- MAGNANI, José Guilherme. *Curas e milagres*. In: *Coletânea A religiosidade do povo*. São Paulo, Paulinas, 1984. Cap. VI.
- PIERRE, Mariel. *Quando um Deus se torna diabo*. *Planeta*. São Paulo, Editora Três, (141-B) s.p. 1985.
- SILVA, Edson Nunes da. *Estrutura do pensamento afro-brasileiro*. Salvador, Prefeitura Municipal, Dept. de Cultura, 1975.